

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura: algumas reflexões acerca das decorrências do contexto migratório nordestino sob a perspectiva dos estudos culturais

*Stephanie Miranda dos Santos**

Gustavo dos Santos Souza[†]

Rosimeire Martins Régis dos Santos[‡]

Resumo

As relações entre história e literatura abrangem muito mais do que somente a historicidade presente nas obras literárias. Ao longo dos tempos, diferentes relatos históricos foram produzidos por povos e civilizações e perpetuados por meio da escrita, seja a partir da literatura de não-ficção ou da ficção inspirada em eventos reais. Portanto, com base nas passagens do livro *A Hora da Estrela* (1998), da escritora e jornalista brasileira Clarice Lispector, este artigo tem como objetivo investigar questões relacionadas ao contexto migratório nordestino na obra em questão e as suas repercussões nos estudos culturais, de maneira a estabelecer o vínculo entre história e literatura por meio da prática científica e colaborar para com a construção de olhares outros a partir da literatura e de estudos pertencentes à história. Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, o qual pretende dialogar com uma perspectiva voltada para os estudos pós-críticos como aporte teórico-metodológico para a sua análise e compreensão. Existem questões históricas relevantes presentes nos textos literários, e estudos como este são importantes para a obtenção de conhecimentos históricos e geográficos, posto que o processo de migração e a sua miscigenação e valor cultural compreendem grande parte do Brasil e do mundo. Além disso, o reconhecimento da produção literária enquanto documento histórico também deve ser salientado.

Palavras-chaves: História; Literatura; Migração; *A Hora da Estrela*; Clarice Lispector.

Abstract

The relationship between history and literature covers much more than just the historicity present in literary works. Over time, different historical accounts have been produced by

* Possui licenciatura plena em Letras - Português e Inglês pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pós-graduanda em Metodologias do ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica pela Universidade Unopar.

[†] Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - PPGE/UCDB. Licenciado em História - UCDB.

[‡] Doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), período Sanduíche na Universidade de Manitoba, Canadá - Faculty of Human Ecology de Janeiro a Abril /2013. Mestrado em Educação (UCDB). Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Avançada de Recursos Humanos (UCDB). Pós-Graduação Lato Sensu em Educação do Campo (UFMS). Pós-Graduação Lato Sensu em Salesianidade. Graduação em Formação de Professores - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduação em Pedagogia - Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN).

peoples and civilizations and perpetuated through writing, either from non-fiction literature or from fiction inspired by real events. Therefore, based on the passages from the book *A Hora da Estrela* (1998), by the Brazilian writer and journalist Clarice Lispector, this article aims to investigate issues related to the migratory context of the Northeast in the work in question and its repercussions in recent decades, in order to establish the link between history and literature through scientific practice and to collaborate with the construction of other perspectives from the literature and from studies pertaining to history. This is a bibliographic review with a qualitative approach, which aims to dialogue with a perspective focused on post-critical studies as a theoretical-methodological contribution to its analysis and understanding. There are relevant historical issues present in literary texts, and studies such as this are important for obtaining historical and geographical knowledge, since the migration process and its mix and cultural value comprise much of Brazil and the world. In addition, the recognition of literary production as a historical document should also be stressed.

Keywords: History; Literature; Migration; *A Hora da Estrela*; Clarice Lispector.

Introdução

O principal vínculo entre história e literatura é que a literatura é utilizada para relatar e representar a história. Portanto, estes dois termos estão, parcialmente, entrelaçados desde os primórdios das suas criações. Enquanto a história é vista como um fato, a literatura é tida como uma manifestação artística de um fato.¹

A literatura é capaz de assumir inúmeras formas diferentes, com as quais variam de notas pessoais a poemas e artigos de não-ficção, bem como pode ser apresentada em vários meios, incluindo conteúdo *online*, artigos de revistas, jornais e na forma de livro. Para que uma obra seja considerada literária, geralmente requer mérito artístico e qualidade. Desta maneira, o que se constitui como literário é uma questão subjetiva e raramente aceita. Para Antonio Candido, “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”,² o que nos leva a manifestação da história na literatura, uma vez que, a história, quando vista sob o seu aspecto mais básico, é representada pela história da humanidade – isto é, o que as pessoas, ao longo dos tempos, registraram e escreveram.

Isto posto, vale destacar que a relação entre história e literatura é complexa e composta por múltiplas faces. A literatura frequentemente apresenta pessoas, lugares e eventos

¹ BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, v. 3, n. 1, 2010.

² CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 84.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

históricos em forma de ficção. Nas obras de Clarice Lispector, por exemplo, a autora captura os eventos e personagens de maneira a manter em cada um deles os detalhes vívidos do que costuma acontecer em contextos reais, e, em decorrência disso, os seus leitores compreendem a história à medida que apreciam os seus textos.

No rastro dessa discussão, a literatura se torna um mecanismo de representações, onde, sob a ótica dos autores, é possível compreender desde o contexto histórico o qual eles estão inseridos até as manifestações socioculturais tanto da sociedade quanto deles mesmos. Assim, este estudo pretende contribuir para com a produção de olhares outros com vistas para os textos literários, no que se refere à forma como a ficção e a literatura se constituem como meios de propagação e formação de concepções, reconhecendo o seu potencial enquanto instrumentos de exteriorização da realidade histórica de pessoas e eventos.

Em uma tentativa de entrelaçar autores de cunho analítico-literário com estudiosos que investigam o contexto migratório e as suas repercussões, este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa que busca dialogar com uma perspectiva voltada para os estudos pós-críticos como aporte teórico-metodológico para a seguinte análise, enxergando o “método” enquanto termo conceituado de modo que se aproxima mais “ao sentido que lhe dava a escolástica medieval: algo como conjunto de procedimentos de investigação quase prazerosos, sem maiores preocupações com regras”.³ Apoiado a isso, o estudo tem como foco as passagens do livro *A Hora da Estrela* (1998), com a qual a autora deu voz ao autor-narrador do livro Rodrigo S. M., um homem depressivo e sozinho no mundo que, como personagem de Clarice, pôde relatar a vida da jovem nordestina Macabéa e representar a visão da escritora no que se refere aos migrantes no Brasil.

Sendo uma obra curta e lírica, *A Hora da Estrela* trata sobre temas profundos, solenes e impactantes. Ao escrever a obra, Clarice lidou com os conflitos entre diferentes regiões do Brasil, a natureza incapacitante da pobreza, o sexismo, os problemas provocados pela falta de educação e a decorrência da miséria.

Por se tratar de uma produção crítica (irônica), constam delas no decorrer da narrativa. Um exemplo para este estudo é a crítica à situação dos migrantes que chegavam às cidades

³ VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 20 *apud* MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2012, p. 16.

grandes buscando por novas oportunidades e, às vezes, o que encontravam era uma vida muito inferior em relação ao que poderiam ter tido caso continuassem em suas terras.

Rodrigo S. M. escreve que foi inspirado a começar o livro ao se deparar com uma jovem nordestina caminhando sozinha pelas ruas do Rio de Janeiro com o “sentimento de perda no rosto”⁴. Benjamin Moser, na biografia *Clarice*, nos apresenta que o primeiro destino da família Lispector no Brasil foi o município de Maceió, capital do estado de Alagoas, cujo lugar também foi apresentado como a cidade natal da personagem que inspirou o livro, Macabéa, assim como também passou grande parte da sua vida residindo no Rio de Janeiro.⁵

Embora a produção do livro não seja inteiramente focada na significação e posição histórica, cultural e identitária dos personagens, segundo Rogério Almeida e Fábio Masuda, a autora faz referência ao tratamento que os migrantes recebem ao se mudarem para as cidades grandes, dado que “a indústria cultural e a sociedade de consumo estão presentes em cada página *d’A hora da estrela*, contudo, não como um espelhamento do real, e sim por uma contaminação recíproca entre a ficção e a história, dada a porosidade em tais narrativas”,⁶ e é sobre esta compreensão que as seções a seguir vão analisar a realidade histórica e literária dos migrantes do livro *A Hora da Estrela* sob a perspectiva dos estudos culturais.

A migração enquanto parte constituinte do processo de hibridização da identidade nordestina

Os deslocamentos migratórios não são novidade no Brasil e no mundo. Desde os primórdios da humanidade, quando o homem iniciou a sua vida em sociedade, homens e mulheres se veem, apesar do processo de sedentarização do ser humano, em constantes movimentações por motivos diversos, bem como os fatores climáticos, a escassez de alimentos, a imposição religiosa e o desenvolvimento econômico. Dessa maneira, o Brasil foi – e ainda é – cenário de grande fluxo migratório, o qual compreende as mais variadas regiões do país. Neste intento, nós buscamos focalizar a saída de sujeitos migrantes da região Nordeste rumo ao Sudeste, posto que a literatura em análise apresenta características advindas do contexto histórico da década de 1970 adiante.

⁴ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 22.

⁵ MOSER, Benjamin. *Clarice*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

⁶ ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. *A Hora da Estrela* entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. *Revista Intelligere*, v. 3, n. 1, 2017, p. 37.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

O Sudeste brasileiro, pouco antes do período a que se refere no livro, encontrava-se sob significativo processo industrial. Diferentemente do Sudeste, em outras regiões como Centro-Oeste, Norte e Nordeste, não houve tamanha modernização, uma vez que “o crescimento urbano restringiu-se praticamente às capitais, pois eram os centros de escoamento de produtos naturais”.⁷

Até o final do século XVII, o Brasil era extremamente dependente do mercado internacional no que diz respeito à exportação de café e açúcar. No entanto, a partir do século XIX, o país passou por transformações em todo o seu território como observou Debora Barbosa da Silva:

Mudanças territoriais pautadas no intenso processo de urbanização respaldado pela produção de café, além do aumento populacional, da ampliação de uma rede de novas cidades, ampliação das ferrovias alterando as paisagens, além da modernização das relações de trabalho, principalmente, em razão da necessidade de mão-de-obra qualificada o que, mais tarde garantiu uma grande industrialização e a alteração da posição do Brasil na divisão internacional do trabalho.⁸

A região Sudeste teve grande êxito no seu processo de industrialização. Por ser um grande produtor cafeeiro que até então era mercadoria ímpar na movimentação econômica do país no século XIX, a região alcançou significativo:

Alargamento do mercado interno, a integração das cidades e a especialização produtiva, originou serviços e produtos complementares entre elas e possibilitou a diversificação dos produtos agrícolas que constituem os principais fatores que favoreceram a indústria de transformação apoiadas na agroindústria e oficinas transformadas mais tarde em empresas de máquinas e equipamentos.⁹

Mesmo após a crise de 1929 e o “pseudo-rompimento” com a República Velha (“política do Café com Leite”) em 1930, a região Sudeste ainda se consolidava enquanto centro econômico do país. Desse modo, diversos fatores estimularam o povo nordestino a deixar o seu território geográfico. Por representar uma região onde se concentrava considerável

⁷ SILVA, Debora Barbosa da. *A industrialização brasileira*. São Cristóvão: Centro de Educação Superior à Distância; UFS, 2021, p. 89.

⁸ SILVA, Debora Barbosa da. *A industrialização brasileira*, op. cit., p. 89.

⁹ Idem, *ibidem*.

desenvolvimento socioeconômico, o Sudeste passou a ser considerado um horizonte acessível para os nordestinos, pois estes enxergavam a migração como forma de superação das condições precárias vividas em sua localidade.

Marcada pela pobreza que assola o território ainda nos dias contemporâneos, a região Nordeste protagonizou “uma expressiva movimentação geográfica com destino ao Sudeste do país, que foi impulsionada por fatores econômicos, sociais e políticos”.¹⁰ A dificuldade encontrada pelos nordestinos na sua região de origem foi a grande “motivadora” da migração, a qual não se limita apenas a marcadores de renda, mas que também é “caracterizada pela insuficiência de bem-estar, determinada por variáveis monetárias e não monetárias, como habitação, alfabetização, expectativa de vida etc.”¹¹

Com a expectativa de deixar para trás as condições de extrema pobreza, os nordestinos fazem as suas malas rumo aos estados mais desenvolvidos do país. A essa altura, chegar ao seu destino não é a parte mais difícil. Após eles alcançarem o solo sudestino, outra série de fatores os colocam em situações de vulnerabilidade, subalternização e marginalização. A partir do momento em que os migrantes se deslocam para esses novos espaços, eles se encontram com sujeitos “outros” que, em sua grande maioria, como nos mostra o histórico migratório nordeste-sudeste, os recebem de maneira pouco amistosa.

Como característica pós-colonial, os deslocamentos migratórios estão presentes na formação e mescla de múltiplas comunidades, dado que “a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente ‘mistas’”, que também se constituem de processos de resistência, reexistência e ressignificações das culturas envolvidas.¹²

Quando se trata da migração nordestina para o Sudeste, dificilmente há migrantes nordestinos que, ao relatarem sobre a sua passagem pela região, não apresentem vivências marcadas pela inferiorização das suas identidades. Ao trabalhar com o preconceito percebido por crianças nordestinas no âmbito escolar paulistano, Sueli Damergian nos faz pensar sobre

¹⁰ SANTOS, Luciany Aparecida Alves. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 35, 2010. p. 80.

¹¹ CALDAS, Renata de Melo; SAMPAIO, Yony de Sá Barreto. Pobreza no nordeste brasileiro: uma análise multidimensional. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 19, n. 1, 2015, p. 76.

¹² HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO, 2003 *apud* SANTOS, Luciany Aparecida Alves. *Literatura de cordel*, op. cit., p. 80.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

os impactos da violência étnico-cultural.¹³ Ao mesmo tempo em que surge a marcação de fronteiras enquanto espaço simbólico que compreende o isto e o aquilo, também ocorreram processos discriminatórios advindos da ideia de superioridade, que, por sua vez, cresceu intrinsecamente na sociedade contemporânea como fruto da modernidade/colonialidade.¹⁴ É possível notarmos isso nas transcrições das entrevistas realizadas por Sueli Damergian com professoras de uma escola paulista em sua pesquisa sobre migrantes nordestinos:

Quanto ao rendimento escolar das crianças que vêm do Nordeste, nunca serão alunos excelentes. Em geral, são alunos de médio para baixo. (Profa. A, entrevista nº 10);

Os alunos que vêm do Nordeste apresentam muito mais dificuldades do que os daqui. (Profa. C., entrevista nº 1);

As nossas crianças são alfabetizadas pelo método global. Seus erros são normais e a criatividade é muito rica. Os nordestinos não têm criatividade como os nossos alunos. (Profa. M. J., entrevista nº 3);

Agora, quanto ao seu rendimento escolar, de modo geral eles são inferiores mesmo. (Profa. S. entrevista nº 5).¹⁵

Nos depoimentos dos entrevistados 1, 3 e 5, é possível perceber o quão difícil se torna o trânsito de migrantes em novos espaços. Sob a perspectiva de Sueli Damergian, isso ocorre porque estes migrantes circulam em espaços marcados por uma formação etnocêntrica que, por sua vez:

Além de ser uma forma de julgamento, pode ser visto também como um preconceito comum em favor de nosso grupo. À medida em que ele está ligado à necessidade de afirmar o nosso modo de vida, tende a deformar a percepção da cultura de outro grupo, o que leva a pessoa a acentuar as diferenças e a condenar os desvios em relação à norma do grupo ao qual pertence.¹⁶

Infelizmente, esse fato não se restringe apenas ao ambiente escolar, pois mesmo nos mais diversos territórios, os nordestinos foram vítimas de olhares etnocêntricos por se apresentarem enquanto sujeitos “outros” que divergiam étnico-culturalmente da dita “sociedade” em que estavam inseridos. Isso ocorre porque os olhares, as ações, os discursos e

¹³ DAMERGIAN, Sueli. Migração e referenciais identificatórios: linguagem e preconceito. *Revista Psicologia USP*, v. 20, n. 2, 2009.

¹⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

¹⁵ DAMERGIAN, Sueli. *Migração e referenciais identificatórios*, op. cit., p. 253.

¹⁶ Idem, p. 254.

os silêncios direcionados aos migrantes nordestinos apenas reforçam a discriminação que, por sua parte, desfigura a percepção de cultura e “faz com que a pessoa perceba como ‘errado’, ‘inferior’, ‘pobre’, ‘impróprio’, ‘anormal’ simplesmente aquilo que é diferente por ser estranho, por pertencer aos padrões de um grupo com o qual nunca teve a intimidade da vivência cotidiana”.¹⁷

Ao analisar esses contextos históricos marcados pela exclusão, subalternização, marginalização de sujeitos “outros”, nós compreendemos como se entrecruzam as culturas a partir do processo migratório e nos colocamos a pensar sobre as diferenças que se exibem nesse processo enquanto meio de identificação do “outro”. Dessa maneira, se faz necessário o entendimento do que é a identificação. Segundo Stuart Hall, a identificação é um processo inacabado que está sempre em constante transformação. Não é completo e nem nunca vai ser, pois sempre há a possibilidade de “perdê-la” ou “ganhá-la”. Nessa perspectiva, “a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção”.¹⁸

A partir do entendimento acerca das identidades, é compreensível que a personagem principal do livro se encontre constantemente sob tensão a respeito de quem era. Articulado à concepção de Stuart Hall, de que somos sujeitos inacabados e em constante processo de transformação, Macabéa, inconscientemente, se colocou em atrito consigo mesma ao se perceber enquanto sujeito inconcluso, visto que a busca por descobrir “quem sou eu” gera necessidades que, muitas das vezes, não podem ser satisfeitas, pois “quem se indaga é incompleto”.¹⁹

Neste sentido, compreendendo a identificação do sujeito migrante sob a concepção de Stuart Hall, também é possível entender o movimento migratório nordestino enquanto diáspora, cujo a estada em espaço sudestino se constitui, ainda que de maneira involuntária por parte daqueles pertencentes à cultura dominante e que rejeitam o “outro” por ser o “estranho que ameaça a hegemonia do eu”,²⁰ enquanto um processo de hibridização cultural. Os migrantes se (re)constroem enquanto sujeitos “traduzidos”²¹ e:

¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸ HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 15° ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 106.

¹⁹ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 25.

²⁰ DAMERGIAN, Sueli. *Migração e referenciais identificatórios*, op. cit., p. 254.

²¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural*, op. cit., p. 52.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

São obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas”.²²

Enquanto sujeitos “negociantes”, os nordestinos que vivem na região Sudeste do país passam a resistir e a reexistir. É considerável pensar que esses migrantes desenvolvem articulações de “resgate cultural” ao estarem inseridos em um ambiente divergente da sua terra natal, e que, por transitarem nesse novo espaço, onde sobressaem aspectos hegemônicos da sociedade que o “recebeu”, são obrigados a manifestar mecanismos de sobrevivência da sua cultura. Entretanto, pensando com Stuart Hall, esses migrantes estão se ressignificando em novos territórios e fazendo de características outrora construídas das relações culturais de sua antiga localidade, aspectos presentes neste novo contexto de hibridização.²³ A exemplo da literatura de cordel:

Pensar em literatura de cordel num espaço de migração é pensar em tradição e em deslocamento. É analisar essa literatura “em termos de desenraizamento”. É esforçar-se para compreendê-la como tradição que desenraizada renasce num novo ambiente. Logo, longe de estar morrendo, ela está se refazendo em diferentes espaços.²⁴

Como exemplo de “negociação” nordestina para com o novo espaço em que os sujeitos residem, a literatura de cordel pode ser enxergada como parte de um processo de identificação resistente manifestado em um ambiente diversificado, visto que as identidades se exprimem a partir do reconhecimento “daquilo que eu não sou”:

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído.²⁵

²² Idem, *ibidem*.

²³ Idem, *ibidem*.

²⁴ SANTOS, Luciany Aparecida Alves. *Literatura de cordel*, op. cit., p. 77.

²⁵ HALL, Stuart. “*Quem precisa da identidade?*”, op. cit., p. 110.

Sobre isso, Clarice escreve, a nosso ver, indiretamente sobre a ideia de exterior constitutivo proposto por Stuart Hall: “essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro”.²⁶ Em certo ponto, é possível salientar que Macabéa não era o que pensava ser senão pela alteridade construída a partir da sua relação com o mundo e com a humanidade. Em resumo, ela reconhecia a incompletude em relação ao seu processo identitário: “quando acordava não sabia mais quem era”,²⁷ mas também percebia a multiplicidade de identidades que assumia quando “pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de Coca-Cola”.²⁸

Em razão disso, sobre o contexto migratório encontrado no livro, ao mesmo tempo em que a identidade se constitui enquanto afirmação de uma cultura que atravessou, marcou, borrou e acompanha o migrante há algum tempo, ela também se consolida enquanto negociação na medida em que interfere nas culturas que se encontram nesse local, seja pela resistência às práticas culturais ou pela adoção delas, ou ainda pelos estranhamentos que ocasionam, pois, nas palavras de Clarice, articuladas com Stuart Hall, em nossa análise, “bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta”.²⁹

Portanto, nas discussões que se seguem, buscamos apresentar uma análise acerca da representação de situações advindas do encontro e do convívio entre sujeitos outros – culturas outras – presentes na obra *A Hora da Estrela*.

A construção da representação social do sujeito migrante em *A Hora da Estrela*

A Hora da Estrela foi a última obra publicada por Clarice Lispector em vida. Neste livro, a autora se apresenta sob o pseudônimo Rodrigo S. M. e problematiza questões relacionadas à realidade dos migrantes nordestinos no Brasil. Logo no início da narrativa, a autora evidencia a dificuldade que os escritores têm de se aproximar da pessoa com quem eles estão se relacionando na escrita. Contudo, no caso da nordestina Macabéa, a personagem que inspirou o livro, é inegável o cuidado e a afeição que Rodrigo S. M. desenvolveu por ela quando a viu pela primeira vez e sem pretensão alguma andando sozinha em uma rua do Rio de Janeiro. Pelo

²⁶ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 27.

²⁷ Idem, p. 36.

²⁸ Idem, ibidem.

²⁹ Idem, p. 31.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

fato de Clarice ter criado o seu *alter ego* Rodrigo S.M. também como uma pessoa migrante e nordestina, ele encontrou em Macabéa um pouco do que havia nele e se recobrou como uma figura empática quase que instantaneamente:

Será essa história um dia meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial. Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos.³⁰

Portanto, ligada à figura representativa de Macabéa, também há a história do autor-narrador Rodrigo S. M., que, no momento em que cruzou com a jovem nordestina na rua, se sentiu conduzido por um impulso criador que originou a história de *A Hora da Estrela*.

Por sua vez, a personagem Macabéa é descrita como uma jovem nordestina de apenas dezenove anos que não tinha pai nem mãe. Durante o início da sua juventude, ela teve de se mudar para o Rio de Janeiro com a sua tia, por quem ela foi criada e maltratada durante toda a sua vida, mas que lhe arranhou um emprego humilde de datilógrafa antes de falecer. Por esse motivo, Macabéa encontrou refúgio em um quarto de pensão muito simples e pequeno que ela dividia com mais quatro balconistas. No trabalho, ela havia sido empregada por um homem que estava constantemente apontando os seus defeitos como datilógrafa e ameaçando colocar outra pessoa no seu lugar, “já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina”.³¹ Era uma jovem tão pobre que literalmente precisava comer papel para tentar reprimir todas as suas dores de fome, já que, “às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir”.³²

A personagem também vem de um contexto cultural outro, completamente contrário

³⁰ Idem, p. 22.

³¹ Idem, p. 24.

³² Idem, p. 56.

ao que havia sido encontrado por ela no Rio de Janeiro, e, por esse motivo, se sentia sempre tão sozinha e deslocada quando tentava se permitir viver uma breve aproximação do contexto social que é empregado para as cidades grandes. Para Júlio Aquino, “quando se assume uma atribuição identitária ou um traço descritivo generalizante para o migrante, some do sujeito a positividade, a criatividade, as formas de resistência, enfim, a singularidade”,³³ traduzindo a ideia de que, quando Macabéa se mudou permanentemente para o Rio de Janeiro, ela se distanciou da sua cultura local e passou a ter que se desdobrar em sua nova realidade na cidade grande.

As identidades culturais são “definidas historicamente, e não biologicamente”, se tornando resultado de ressignificações advindas da fragmentação do sujeito pós-moderno, o qual assume “identidades diferentes em momentos diferentes”.³⁴ Em consequência disso, o processo de hibridização cultural segue sendo muito presente na realidade de migrantes que convivem entre culturas como Macabéa, posto que a personagem precisou encontrar maneiras de “negociar” e subsistir em um novo contexto cultural que até então lhe era desconhecido.

Nesse contexto, Ivana Barankiewicz, ao analisar o livro *A Hora da Estrela*, ressalta que não se trata apenas da exclusão social ou psicológica da personagem, mas também da dificuldade que ela tinha de se comunicar com outras pessoas por conta de uma infância marcada por bloqueios sociais e instabilidade educacional. Há o que é chamado de incomunicabilidade fundamental, que se deu a partir do impedimento da tia de Macabéa no que concerne às atividades comuns que as crianças costumam exercer durante a infância, bem como ir à escola, brincar e interagir com outras crianças.³⁵ Assim, diferente dos processos de hibridização cultural decorrentes dos deslocamentos migratórios que não foram abordados pela obra, há a dificuldade de Macabéa de se encontrar enquanto sujeito cultural, posto que a personagem da sua tia havia lhe atribuído uma concepção identitária moderna, a qual se baseia na concepção de que o ser humano deve ser um indivíduo absolutamente “unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia”.³⁶ Desse

³³ AQUINO, Júlio Roberto Groppa. Conhecimento e mestiçagem: o efeito Macabéa. *Revista Cadernos de Subjetividade*, v. 2, n. 1, 1994, p. 101.

³⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural*, op. cit., p. 12.

³⁵ BARANKIEWICZ, Ivana Vilane de Freitas. A diáspora e as identidades culturais em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. In: *Anais do Colóquio de Estudos Literários*. Universidade Estadual de Londrina, 2014, p. 217.

³⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural*, op. cit., p. 10.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

modo, Macabéa já não sabia mais quem era:

Quem antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” Cairia estatelada em cheio no chão. É que “quem sou eu?” Provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.³⁷

Na tentativa de se “ajustar” a esse novo território, “todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”,³⁸ pois assim ela conseguiria se sentir um pouco mais incluída àquele mundo o qual não pertencia e conhecer sobre ele sem a dificuldade da comunicação social. Ela possuía fome por cultura, mesmo que não fosse capaz de compreender precisamente os significados das palavras que eram despejadas para ela a cada minuto. A curiosidade de Macabéa sobre o mundo foi o que fez ela se reconhecer como uma migrante nordestina vivendo por conta própria no Rio de Janeiro.

Para Nanami Sato, o sujeito imigrante/migrante “representa sempre o outro, o desconhecido, o diferente e, por isso, não raras vezes é motivo de estranheza, preconceito, rejeição”,³⁹ sobretudo quando se está inserido em um contexto específico da realidade brasileira onde o preconceito é encontrado tanto na lei quanto na prática. Logo, migrantes como Macabéa sofrem preconceito por motivos diversos, especialmente por questões relacionadas à cultura, origem étnica, religião e *status*, podendo ocorrer em qualquer área da vida pública e se estendendo desde o ambiente de trabalho até o acesso a acomodação e a outros bens, serviços e instalações, o que nos conduz a problematizar a falta de saúde e do bem-estar do migrante.

Sob esta perspectiva, quando Macabéa passou mal “por causa do fígado atingido pelo chocolate e por causa do nervosismo de beber coisa de rico”,⁴⁰ ela, porventura, decidiu procurar um médico:

Esse médico não tinha objetivo nenhum. A medida era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor à profissão nem a doentes. Era desatento e achava

³⁷ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 25.

³⁸ Idem, p. 44-45.

³⁹ SATO, Nanami. Clarice Lispector: a literatura em busca do outro. *Revista Travessia*, n. 43, 2002, p. 5.

⁴⁰ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 70.

a pobreza uma coisa feia. Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles. Eles eram para ele o rebotalho de uma sociedade muito alta a qual também ele não pertencia. Sabia que estava desatualizado na medicina e nas novidades clínicas, mas para pobre servia. O seu sonho era ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada.⁴¹

A pobreza é uma das principais causas de problemas de saúde e uma barreira ao acesso aos cuidados de saúde quando eles são necessários para a população. Grande parte dos migrantes não têm condições de comprar o que é fundamental para uma boa saúde, incluindo quantidades suficientes de alimentos e cuidados pessoais. No caso de Macabéa, ela estava tão acostumada a passar fome por conta da sua situação financeira que, quando ela pôde comer bem em um lanche da tarde na casa de Glória, acabou passando mal. Esse fato também está relacionado a outros fatores relativos à pobreza, bem como a falta de informação sobre práticas adequadas de promoção da saúde ou a ausência da voz necessária para que os serviços sociais funcionem a seu favor. Em partes, isso também se deve aos custos de cuidados na saúde, os quais incluem não apenas gastos diretos com os cuidados em si, mas também os custos de consultas, exames, medicamentos e, em muitos casos, os custos de transporte e quaisquer pagamentos informais a prestadores.

Também ligado a personagem Macabéa, há outro migrante nordestino na narrativa. Olímpico, como ele era chamado, era um homem com muita ambição, ignorância e ganância, que estava sempre fingindo inteligência e utilizando do seu “poder de homem”⁴² para dizer que as mulheres não podiam adquirir conhecimento sobre o mundo. Para ele, a vinda para a cidade grande significava roubos e vida fácil. No entanto, em um mês de maio, quando Olímpico e Macabéa se encontraram, eles “se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam”,⁴³ e, por compreenderem bem a situação um do outro, eles deram início a um relacionamento amoroso e passaram a se encontrar com mais frequência. Em um desses encontros, enquanto Macabéa acreditava que Olímpico tinha a resposta para todas as suas perguntas, ele tentava forjar explicações apenas para fingir que sabia sobre absolutamente qualquer coisa e se esquivava de quaisquer que fossem as indagações da jovem:

– Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático?

⁴¹ Idem, p. 71.

⁴² Idem, p. 46.

⁴³ Idem, p. 49.

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

Falaram também em “álgebra”. O que é que quer dizer “álgebra”?
– Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita.
– Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”? Silêncio.
– Eu sei mas não quero dizer.
– Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic. A rádio Relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura?
– Cultura é cultura — continuou ele emburrado. Você também vive me encostando na parede.⁴⁴

Isso ocorre porque Olímpico, assim como Macabéa, nunca teve a oportunidade de ingressar em um sistema de educação formal. Para garantir o seu sustento, desde muito novo ele era obrigado a trabalhar e a sobreviver por conta própria, mesmo com as dificuldades da pobreza e das suas condições de garoto órfão. Anteriormente, ainda na Paraíba, o seu estado de origem, ele havia assassinado um homem e se orgulhava disso: “aliás, matar tinha feito dele homem com letra maiúscula. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de ‘cabra safado’”.⁴⁵ Ele era um homem matuto e ignorante que havia se mudado para o Rio de Janeiro em busca de ascensão social e qualidade de vida.

Muitos fatores que influenciam a migração são difíceis de prever. Kleber Oliveira e Paulo Januzzi ressaltam que os principais motivos declarados para a migração estão relacionados ao acesso aos serviços sociais e a busca por trabalho e uma vida melhor.⁴⁶ No entanto, quando migrantes nordestinos como Olímpico e Macabéa se mudam para uma cidade grande em busca de novas oportunidades, eles correm o risco de sofrer dificuldades que vão desde a compreensão de sistemas complexos de transporte, garantia de condições de vida e emprego até os estranhamentos culturais e o sofrimento psicológico.

O título da obra faz alusão ao sonho que Macabéa carregava consigo de se tornar artista de cinema e ser vista por todos. Contudo, o pobre não é visto em uma sociedade de privilegiados, e se tratando da sociedade que é apresentada pela obra, o migrante é visto menos ainda. “Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio”.⁴⁷

⁴⁴ Idem, p. 55.

⁴⁵ Idem, p. 51.

⁴⁶ OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo, origem/destino. *Revista São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 4, 2005, p. 139.

⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 34-35.

Dessa forma, Macabéa é construída pelo autor-narrador como um ser humano indiferente e pouco visto pela sociedade. Na narrativa, ele aponta que algumas mulheres possuem apenas o corpo para vender e tentar conquistar uma vida melhor. Entretanto, no caso de Macabéa, nem o seu próprio corpo lhe pertencia: “Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”.⁴⁸

As conexões sociais – incluindo o contato com amigos e familiares – são importantes para a saúde e o bem-estar emocional de qualquer ser humano. Para Rogério Almeida e Fábio Masuda, quando um migrante se muda sozinho para uma cidade grande, a qual está tomada por um contexto histórico repleto de exclusão, subalternização, preconceito e discriminação, as relações sociais se tornam ainda mais complicadas.⁴⁹ Como Macabéa era órfã e a sua única tia havia falecido pouco tempo depois de chegar ao Rio de Janeiro, ela era obrigada a sobreviver sozinha às dificuldades da cidade grande. Desse modo, a sociedade a desvalorizava e desaprovava a todo momento, e, em vista disso, Macabéa se tornou um ser humano invisível aos olhos das outras pessoas.

Como forma de tentar se (des)reconstruir para esse novo mundo, a inocente Macabéa conseguiu dinheiro emprestado com sua colega de trabalho e resolveu procurar uma cartomante para prever o seu futuro. De início, a cartomante tratou Macabéa de maneira muito educada, talvez por estar acostumada com as jovens pobres e ignorantes que iam até a sua casa em busca de bons futuros, e foi exatamente isso que a cartomante revelou para Macabéa naquele dia: ela iria finalmente brilhar, enxergar a luz e ter um bom destino. Nesse caso, a luz era o farol de um Mercedes que lhe atingiria em instantes e lhe tiraria a vida. Ao som do aviso de um violino imaginário e lúgubre, a jovem finalmente iria poder brilhar, e o migrante neste cenário perde o lugar do invisível para ter o rosto estampado nos jornais como mais uma pessoa que foi morta acidentalmente e abandonada sem amparo no local. “Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte”.⁵⁰

⁴⁸ Idem, p. 23.

⁴⁹ ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 39.

⁵⁰ LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, op. cit., p. 84.

Considerações finais

A partir dos olhares sob os quais os estudos culturais nos permitem enxergar determinados contextos, foi possível produzir esta pesquisa na tentativa de argumentar sobre algumas observações críticas a respeito das decorrências do contexto migratório nordestino.

Com a expectativa de sintetizar a análise sobre a obra literária de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, na qual foi contextualizada teoricamente a partir das considerações dos estudos culturais de Stuart Hall, os processos decorrentes do fenômeno diaspórico presentes no conto são consolidados enquanto parte constitutiva da construção das múltiplas identidades que os indivíduos assumem no decorrer de suas vidas. Para reafirmar essa articulação acadêmico-literária, vale salientar que a escrita científica e a literatura não se encontram em polos diferentes, já que:

Por vezes comunicam-se uma com a outra e encontram-se: cientistas em romances, escritores e referências literárias em textos científicos e até conversas imaginadas entre uns e outros. Escrevem-se romances “científicos” e apresenta-se a ciência como um romance. De alguns, ainda poucos, nem se pode dizer se são mais cientista (ou filósofo, ensaísta...) que romancista (ou contista, autor de teatro...) ou o contrário.⁵¹

Sendo assim, olhar para a literatura sob a lente acadêmica torna iminente a elaboração de análises outras, uma vez que ela “é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos”,⁵² o que possibilita a elaboração de críticas mais densas e na complementaridade do campo literário com o campo científico. Sob a perspectiva do livro *A Hora da Estrela*, por exemplo, foi possível adentrar o cenário histórico o qual os personagens estavam inseridos e entender um pouco mais sobre questões relacionadas ao desenvolvimento individual, social, histórico, linguístico e cultural dos migrantes, destacando as decorrências do contexto migratório nordestino e características relacionadas ao tema que podem ser facilmente encontradas no decorrer da narrativa.

Portanto, tendo como base o campo dos estudos culturais, o qual investiga os processos de organização e estruturação do âmbito social através de perspectivas múltiplas e reconhece

⁵¹ MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. Literacia científica: leitura e produção de textos científicos. *Educar em Revista*, n. 62, 2016, p. 154.

⁵² MATOS, Lenilson Silva de. *A importância da literatura para o desenvolvimento humano em sociedade*. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017, p. 11.

a insuficiência teórica de abordagens que se baseiam em uma única dimensão construtiva da sociedade, há a afirmação da literatura enquanto uma área importante de apreciação e reflexão para o desenvolvimento analítico acerca das esferas que, quando entrelaçadas, compõem a vida humana em sociedade.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. *A Hora da Estrela* entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. *Revista Intelligere*, v. 3, n. 1, 2017.

AQUINO, Júlio Roberto Groppa. Conhecimento e mestiçagem: o efeito Macabéa. *Revista Cadernos de Subjetividade*, v. 2, n. 1, 1994.

BARANKIEVICZ, Ivana Vilane de Freitas. A diáspora e as identidades culturais em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. In: Anais do Colóquio de Estudos Literários. Universidade Estadual de Londrina, 2014.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, v. 3, n. 1, 2010.

CALDAS, Renata de Melo; SAMPAIO, Yony de Sá Barreto. Pobreza no nordeste brasileiro: uma análise multidimensional. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 19, n. 1, 2015.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

DAMERGIAN, Sueli. Migração e referenciais identificatórios: linguagem e preconceito. *Revista Psicologia USP*, v. 20, n. 2, 2009.

HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?". In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 15º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO, 2003 *apud* SANTOS, Luciany Aparecida Alves. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 35, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MATOS, Lenilson Silva de. *A importância da literatura para o desenvolvimento humano em*

“A Hora da Estrela” entre a história e a literatura...

sociedade. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. Literacia científica: leitura e produção de textos científicos. *Educar em Revista*, n. 62, 2016.

MOSER, Benjamin. *Clarice*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo, origem/destino. *Revista São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 4, 2005.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 35, 2010.

SATO, Nanami. Clarice Lispector: a literatura em busca do outro. *Revista Travessia*, n. 43, 2002.

SILVA, Debora Barbosa da. *A industrialização brasileira*. São Cristóvão: Centro de Educação Superior à Distância; UFS, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 *apud* MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

Recebido em: 12.06.2021

Aprovado em: 02.11.2021